

# Caruaru e Brasília

JORNAL DE BRASÍLIA  
JÓRGE WAMBURG

09 MAI 1996

A tragédia de Caruaru chocou o país pelo número de vítimas e as circunstâncias em que mais de 40 mortes já ocorreram. A tragédia resultou de uma sequência de erros que se acumularam e passaram despercebidos como se fossem fatos normais no cotidiano de um hospital. Até que morra alguém, as falhas vão acontecendo e nada é feito para sanar o problema. Esta reflexão me ocorre a propósito de um fato que aconteceu aqui em Brasília, há dois dias, no maior hospital público da cidade.

Uma paciente acidentada há uma semana, em estado grave, necessitou de uma tomografia computadorizada no Hospital de Base para o abdôme. Exame imprescindível, disseram os médicos, diante das complicações apresentadas pelo seu quadro clínico, que poderiam indicar uma cirurgia imediata. A urgência do exame era inquestionável e ele foi feito. Só que a paciente teve que ser removida para uma clínica particular e lá realizar a tomografia, pela qual a família pagou pouco mais de 800 reais.

Assim contado, tudo parece muito simples. Mas não. Em primeiro lugar, a paciente em questão é um caso de politraumatismo que,

certamente, contraindica sua remoção da UTI, com os consequentes riscos de um traslado de ambulância até a clínica radiológica no final da Asa Sul. Até porque está enfraquecida por uma cirurgia realizada há apenas oito dias. Em segundo lugar, o sofrimento físico e psicológico imposto a ela e sua família durante as longas horas da saída da UTI e seu retorno são indescritíveis. Imobilizada por uma fratura na bacia e fraturas nas pernas, sendo uma exposta, com os tubos a machucá-la ao mesmo tempo em que lhe garantem medicação que poderá salvá-la, ela padecia dores intermináveis na transferência da cama do hospital para a maca da ambulância, desta para a maca da clínica, da maca da clínica para a cama da tomografia, de volta à maca da clínica, desta para a cama do raio-x e daí novamente para maca da clínica, de novo para a maca da ambulância, de volta para a maca do HDB e de lá para a cama da UTI. Só o conforto da mãe e do pai junto a ela puderam amenizar tanto sofrimento.

E esta é apenas uma história do dia a dia do hospital. Quantas vezes por dia estará se repetindo este calvário com algum outro paciente que

necessite de uma tomografia computadorizada no Hospital de Base? Quem sabe, alguém não tão jovem, não tão resistente e em estado tão ou mais grave do que o caso descrito aqui? Quantas vidas estarão sendo colocadas diariamente em risco, porque o equipamento de tomografia está quebrado, ninguém sabe há quanto tempo. Como também ninguém sabe porque não foi consertado. Me ocorre perguntar também: e se a família do paciente não puder pagar pela tomografia, o que acontece? Talvez ele morra, se sua vida depender dela. E será que alguém já morreu por isso? Quantos?

Não há exagero nestas suposições. O que é isso é a revolta e a incredulidade diante de uma situação que está acontecendo na Capital do país, aqui e agora, e não numa pequena clínica do agreste pernambucano. E num hospital público, onde o Estado é responsável pelas vidas daqueles que lá estão aos cuidados dos seus médicos e enfermeiros. Por essas e outras é que Caruaru está muito mais perto de Brasília do que aparece no mapa do Brasil.

■ Jorge Wamburg é Editor Assistente do JBr.